

## **OS SERTÕES, O OLHAR ESTRANGEIRO E A “MIRADA ESTRÁBICA”**

Angela Gutiérrez

Prof<sup>a</sup> Dra Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez;  
Professora do Departamento de Literatura da UFC;

### RESUMO

Considerando notório o fascínio que a obra *Os sertões* exerce sobre leitores estrangeiros, a autora tece breves reflexões sobre as possíveis motivações do fenômeno, além das qualidades literárias e históricas do texto. Encontra uma principal motivação na identificação desse leitor com o olhar ‘de fora’ do narrador euclidiano, representado pelo recurso à literatura de viajante, especialmente na primeira parte, pelo uso de figuras de palavra que partam do conhecido – cultura ocidental – para o desconhecido – cultura sertaneja, pelas citações de autores estrangeiros e pela incorporação de suas teorias a seu modelo de exame da terra, do homem e da luta do sertão. Salienta a especial identificação do leitor latino-americano pela antinomia civilização x barbárie presente na velha mas ainda não resolvida questão da nacionalidade.

### Abstract

Considering remarkable the enchantment that the work “Os Sertões” holds on foreign readers, the author builds brief thoughts about the possible motivations of the phenomenon, besides the literary texts and historical qualities. The author finds a main motivation in the identification of this reader with the Euclidian’s” narrator’s look from the ‘outside’, represented by the use of the traveler’s literature, specially in the first part, by using figurative words that come from already known culture of “Os Sertões”, represented by quotations of foreigner authors and by the incorporation of his theories to his examination style of the land, the man and the “Sertão’s” fight. The author puts into evidence the special identification of the Latin-merican reader contrasting the barbarian and versus non civilization present in the old, but not yet solved subject of nationality.

No alvorecer do século XXI, surge a versão brasileira de um livro de ficção, *Veredicto em Canudos*<sup>1</sup>, do húngaro Sándor Márai. Escrito no final dos anos 60 pelo escritor exilado, publicado originalmente em 70, no Canadá, o romance chega às mãos do leitor brasileiro no ano em que o livro-cânone sobre Canudos completa cem anos: *Os sertões*.

O aparecimento do romance suscita uma importante questão, exaustivamente formulada nos anos 80, quando foi publicado outro romance sobre Canudos, *A guerra do fim do mundo*<sup>2</sup>, do peruano Mario Vargas Llosa: por que a leitura de *Os sertões* incita estrangeiros a escrever sobre Canudos?

É notório o fascínio que a obra maior de Euclides da Cunha exerce sobre estrangeiros, sejam romancistas ou poetas, sejam historiadores ou sociólogos, sejam tradutores ou ensaístas literários, o que se patenteia na volumosa bibliografia sobre o tema publicada fora do país e nas numerosas traduções de *Os sertões*. À atração exercida pelas qualidades intrínsecas da obra como monumento literário, especialmente em sua estrutura narrativa, ou como documento do modo de pensar a história em um dado momento da formação intelectual brasileira ou, ainda, pelo emocionante tema histórico que examina, acredito que se soma, para a explicação desse fascínio, a empatia, ou a cumplicidade, provocada pelo olhar estrangeiro que o narrador de *Os sertões* lança sobre seu próprio objeto de estudo.

Nos romances de Vargas Llosa e Sándor Márai, embora a visão histórica dos acontecimentos se diferencie dos parâmetros de Euclides, a herança de *Os sertões* continua perceptível, seja através do modelo temático e narrativo do texto euclidiano ou de referências implícitas ou explícitas ao livro. Como acontece com o escritor Vargas Llosa, a leitura de *Os sertões* instiga Sándor Márai à escrita. “Como se existisse alguma coisa que tivesse de ser dita”, explica o escritor húngaro em nota a seu romance. Os dois escritores, no entanto, seguem rumos diferentes em suas narrativas que recontam Canudos.

O romancista peruano, depois do deslumbramento com a leitura do clássico euclidiano, flaubertianamente pesquisa sobre o episódio, lendo tudo ou quase tudo que se escrevera sobre o tema, sob orientação de Mestre Calasans, e vem ao Brasil para conhecer de perto o sertão e os sertanejos, tendo como guia o historiador Renato Ferraz. Escritor que não esconde sua paixão pelo realismo, Vargas Llosa segue, na criação de seu romance canudiano, o credo

---

<sup>1</sup> MÁRAI, Sándor. *Veredicto em Canudos*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

<sup>2</sup> VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo*. Barcelona: Seix Barral, 1981. (versão brasileira: *A guerra do fim do mundo*. Trad. Remy Gorga, filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.)

da escola novecentista: documenta-se sobre o assunto e observa a realidade antes de criar o amplo painel totalizante d' *A guerra do fim do mundo*.

O romancista húngaro, já falecido em 89, sentindo-se inquieto com a leitura do clássico euclidiano (que confessa ter lido com dificuldade, em inglês, na tradução de Samuel Putman), decide “escrever sobre o que acreditava ter ficado ‘de fora’ do livro de Euclides”. Não conhecendo o Brasil nem a extensa bibliografia canadiana e euclidiana, sabiamente opta por ficcionalizar apenas um recorte episódico que Euclides não contara: os acontecimentos do final da tarde e início da noite de 5 de outubro de 1897 – a data que marca o fim da guerra de Canudos.

O velho militar Oliver O'Connell, personagem-narrador, conta os fatos porque se sente próximo da morte e sabe que é a única testemunha da cena que muitos viram mas que somente ele, por conhecer o idioma inglês, pôde entender: o improvável diálogo entre o ministro da guerra Marechal Bittencourt e uma prisioneira sobrevivente do arraial. Assim, além de narrar o que viu (especialmente a fantástica cena da cabeça degolada), O'Connell narra o que ouviu: não só o longo diálogo que constitui o cerne do livro, como o insólito banho da prisioneira que antecede o diálogo e os gritos que saúdam o destino final dos prisioneiros. Ao construir a narrativa a partir da voz de O'Connell, filho de irlandês com brasileira de sangue índio, Sándor Márai torna mais verossímil seu olhar estrangeiro.

No romance de Vargas Llosa, o olhar estrangeiro é representado na única escrita em primeira pessoa, a do escocês Galileu Gall, visionário quixotesco que escreve para leitores estranhos à realidade narrada, que não consegue alcançar sua Canudos utópica. Um longo diálogo também perpassa a narrativa vargasllosiana: a conversa entre o Jornalista Míope, caricatura de Euclides, e o Barão de Canabrava, *doublé* ficcional do Barão de Jeremoabo. Os dois diálogos – o do *Veredicto* e o da *Guerra* – acontecem entre pessoas da elite intelectual e dão margem aos autores para reflexões filosóficas ou metafísicas sobre a guerra de Canudos ou, simplesmente, sobre a guerra. Nos dois diálogos, defrontam-se personagens cidadãos: de um lado, um cidadão que não entende Canudos, do outro, um cidadão simpatizante do arraial por ter vivido com seu povo. De todo modo, cidadão, o que equivale dizer, alguém que não pertence a Belo Monte. Assim, no eixo dos dois romances, a visão de estrangeiro, embora estrangeiro “tocado” por Canudos, permanece de diversos modos.

Não podemos deixar de relacionar esta visão de estrangeiro àquela do próprio narrador d' *Os sertões*, desde a sub-divisão “A Terra” ao apresentar-se como um viandante que, após longa travessia, depara-se com a paisagem impressionadora dos sertões. Esta atitude

que revela quem vem 'de fora' é mantida em todo o livro, apesar da simpatia que o autor manifesta pelos conselheiristas e da denúncia dos "crimes das nacionalidades".

Saliente, assim, o estatuto da obra como vertente da literatura de viajante, gênero tão a gosto dos leitores estrangeiros, especialmente alemães e franceses, no século XIX. Neste gênero, 'aquele que vem de fora' descreve e narra, com estranhamento, a realidade diferente que vê e sente, daí alcançando uma identificação com o virtual leitor 'de fora' que vê e sente através do olhar do narrador. A essa sensação de identificação do leitor, em busca do conhecimento do novo, mas com a segurança de obtê-lo através do olhar de alguém semelhante, ou seja, de alguém com seus mesmos padrões culturais, acrescento a impressão de verossimilhança própria do relato de quem conta o que viu.

Se a literatura de viajantes no Brasil surge desde os primeiros séculos da colonização - como se dá, também, na América Hispânica -, este gênero assume um novo caráter no decorrer do século XIX. Ao visitar o país neste período, ao invés de encontrar apenas o nativo, bárbaro a seus olhos, e a natureza exuberante como acontecia nos séculos XVI, XVII e, até, XVIII, o viajante descobre uma cultura em processo de ocidentalização, ou seja, um povo (ou uma elite) ensaiando sua entrada na 'civilização'. Lembremos que, após a vinda e o estabelecimento da família real portuguesa no Brasil-Colônia, a Corte foi tomando ares de metrópole com a criação de órgãos administrativos, militares, educacionais e culturais compatíveis com a ascensão do país a Reino Unido a Portugal e, posteriormente, a nação independente, com a o grito do Ipiranga, resultado de complexos fatores, entre os quais sobressai a expectativa dos brasileiros de alcançarem sua autonomia política. Durante o Império, mais acentuadamente durante o longo reinado de Pedro II, a intenção, emanada do próprio monarca ilustrado, de transformar o país em uma nação moderna, multiplica as visitas de cientistas e artistas estrangeiros que aqui vêm, a convite ou com apoio da Coroa brasileira, para missões exploratórias e civilizadoras.

Alguns dos relatos desses viajantes fazem parte da biblioteca de consulta de Euclides e são citados n' *Os sertões: A Journey in Brazil*, 1867, do suíço Agassiz, que viaja pelo Brasil nos anos de 1865-1866, chefiando a Expedição Thayer, da Universidade de Havard, de que participa também o canadense Hartt, que escreve numerosos artigos sobre o Brasil; *The Naturalist on the River Amazonic*, de 1863, do americano Orville Derby; *O clima do Brasil*, 1896, do alemão naturalizado brasileiro, Draenert; *Travels in the interiors of Brazil*, do inglês George Gardner; *Noções Geográficas e Administrativas da Província de Minas Gerais*, de 1863, do alemão naturalizado brasileiro Gerber; *Climats, Géologie, Faune et Géographie Botanique du Brésil*, do naturalista francês Emmanuel Liais, de 1872; *Reise in*

*Brasilien in der Jahren 1817-1820 e Flora Brasiliensis (1840-1868)* dos naturalistas alemães Martius e Spix, entre outros.

Muitas das obras acima mencionadas apresentam-se como documentos científicos de levantamento e análise de determinados aspectos geográficos, climáticos, geológicos, zoológicos e botânicos específicos do país e serviram a Euclides como suporte às suas descrições da região de sertão da *terra brasilis*, de sua fauna e flora; outras, como a de Agassiz, revelam o olhar do outro sobre nossa cultura. A intensa presença dessas obras, que mostram um Brasil visto por estrangeiros, na construção de *Os sertões*, sem contar a contribuição de obras de estrangeiros no delineamento teórico da obra (cito, de passagem, Taine, Lombroso, Maudsley, Buckle, Fouillé, Foville, Gumplowics, Hegel, Hobbes, Huxley, representantes de diferentes campos do conhecimento), demonstram o peso do olhar ‘de fora’ na edificação do modelo euclidiano para enxergar o Brasil profundo.

Esse olhar ‘de fora’ se evidencia desde o início do livro, no segundo parágrafo da primeira parte, “A terra”, quando Euclides insinua a presença de alguém que viaja: “De sorte que quem o contorna, seguindo para o norte, observa...”<sup>3</sup>. Depois da grandiosa panorâmica que o narrador estabelece para a visualização da natureza brasileira em direção ao sertão, em que, algumas vezes utiliza o verbo na primeira pessoa do plural, integrando o leitor à viagem, retoma o observador ‘de fora’: “E o observador que seguindo este itinerário deixa as paragens em que se revezam, em contraste belíssimo, a amplitude dos gerais e o fastígio das montanhas, ao atingir aquele ponto estaca surpreendido...”<sup>4</sup> Ainda no desenrolar da primeira parte do livro, ao descrever a *terra ignota*, o narrador, repetidas vezes, alude ao viandante, ao viajante, sob impacto da natureza do sertão – “E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto”<sup>5</sup>

As citações veladas ou desveladas de autores estrangeiros que, para a intelectualidade da época, concedem autoridade científica ao texto euclidiano, por outro lado, tornam-no mais próximo da herança cultural do leitor ocidental ou ocidentalizado. De maneira ainda mais sensível, dá-se essa aproximação quando, em sua escrita, Euclides utiliza metáforas, símiles, comparações, paradoxos, oxímoros em que o elemento sertanejo vem explicado através de imagem (em espelho fiel ou deformante) da cultura ocidental, desde a antiguidade greco-latina. Assim, por exemplo, constrói a imagem de um desconhecido (para o leitor estrangeiro e para o brasileiro litorâneo) – o sertanejo

<sup>3</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões*, Campanha de Canudos. 28ª ed. Introd. Walnice Nogueira Galvão e nota explicativa de Teresinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves; Brasília: INL, 1979, P.5.

<sup>4</sup> Id. lb.p.9.

<sup>5</sup> Id. lb.,p.35.

vaqueiro - através do conhecido para o leitor ‘de fora’: Hércules-Quasímodo, união paradoxal do semi-deus grego e do personagem de Victor Hugo. Como esta, outras imagens são construídas, como a de “Tróia de taipa” para significar Canudos, “Nêmesis da família”, para a aguerrida Helena Maciel, além das alusões a Themison e Montano (o frígio), como rebeldes semelhantes ao Conselheiro, da referência à *wigwan*, habitação dos peles-vermelhas, para descrever os casebres dos habitantes de Canudos, entre muitas pois, os exemplos são, como poderia dizer Euclides, numerosos.

Evidentemente, muito mais numerosos são os exemplos de brasilidade da obra, considerada por brasileiros e por estrangeiros como a bíblia brasileira, o livro que identifica nosso país. Se seria, talvez, enfadonho citar os estudiosos brasileiros que assim consideram *Os sertões*, uma vez que esta opinião é praticamente consensual, trago aqui à lembrança as palavras iniciais de um estrangeiro que muito divulgou o livro de Euclides, Samuel Putnam, na introdução à sua famosa tradução do livro de Euclides, *Rebellion in the backlands*: “There can be no doubt that Euclides da Cunha’s *Os sertões* is a work that is unique not only in Brazilian but in world literature as well. In no other instance, probably, has there been such unanimity on the part of critics of all shades of opinion in acclaiming a book as the greatest and most distinctive which a people has produced, the most deeply expressive of that people’s spirit”.<sup>6</sup>

Na atualidade, outro tradutor de *Os sertões* e grande conhecedor da obra de Euclides, o alemão Berthold Zilly, considera-a como “a grande epopéia do interior do Brasil e da Guerra de Canudos, mas também a crítica contundente a aspectos destrutivos do processo de modernização e incorporação de ‘países novos’ (...) ao mercado mundial”<sup>7</sup>, mantendo linha assente de reconhecimento do caráter de brasilidade do livro.

Na verdade, ao elaborar uma explicação para Canudos e ao tentar equacionar os problemas nacionais, Euclides, como outros intelectuais latino-americanos de sua época, guia-se por esquemas mentais estrangeiros que nem sempre o aparelham bem para a compreensão dos fenômenos do continente. Assim, ele que fora, ainda que nos últimos dias do conflito, testemunha ocular do episódio, tenta conciliar o impossível: seu modelo científico, pautado em teorias da ciência novecentista, e sua observação da realidade que o conduz a conclusões discordantes. Deste modo, do embate entre modelo teórico e *corpus* em observação surgem as tantas vezes assinaladas contradições do texto euclidiano. É preciso,

---

<sup>6</sup> PUTNAM, Samuel. “Brazil’s Greatest Book”: a translator’s introduction. In: CUNHA, Euclides da. *Rebellion in the backlands*. Chicago: University of Chicago Press, 1944, p.iii.

<sup>7</sup> Zilly, Berthold. A Guerra de Canudos e o imaginário da sociedade sertaneja em *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Da crônica à ficção.. In: CHIAPPINI, Ligia, AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.) *Literatura e História na América Latina*.. São Paulo: EDUSP, 1993, p.37.

porém, ressaltar que Euclides, através de procedimento que seria aprofundado e explicitado durante o modernismo brasileiro, tenta acomodar as lentes estrangeiras à paisagem brasileira na busca de melhor enxergá-la. Ressalto, também, que as fontes nacionais de ciência e história estão largamente disseminadas em *Os sertões*, como acontece com as sempre mencionadas contribuições de Teodoro Sampaio e as teses sobre a seca do cearense Senador Pompeu e as informações sobre os clãs Maciéis e Araújo do cearense por adoção João Brígido. Realço, também, que Euclides constrói uma obra tão sedutora mesmo em suas contradições que não só perpetua o episódio na memória e no imaginário do povo brasileiro como consegue atrair o leitor estrangeiro.

Em recente publicação, realçando um aspecto da leitura moderna de *Os sertões*, o crítico brasileiro Alfredo Bosi, lembra o que é, também, uma contribuição de Euclides à reflexão sobre o Brasil: a “condição sertaneja ganhou (...) uma consistência nova em nossas letras: *o estatuto de contradição*. Hoje podemos dialetizar o que no livro está em forma de opostos irreconciliáveis”<sup>8</sup>.

Outros motivos, porém, continuam a atrair o leitor ‘de fora’ para a obra de Euclides, como se dá com o romancista peruano Mario Vargas Llosa. Quando este intelectual do nosso tempo, confessa-se seduzido pela figura do intelectual *datado* do século XIX, Euclides da Cunha, encontra nele, apesar das diferenças impostas pelo largo tempo que os separa, alguns fortes pontos de identificação. Como Euclides, Vargas Llosa projeta seus conflitos de ser dilacerado por polarizações nos fanáticos que povoam sua obra e na própria luta entre civilização versus barbárie, eixo central também de seu livro totalizante sobre Canudos, o romance *La guerra del fin del mundo*, de 1981. Como Euclides, o escritor peruano sente-se um peregrino, o judeu errante, tentando construir sua nação através do livro total, o manual, a bíblia. Como Euclides, que adverte, na “Nota Preliminar” de *Os sertões*, a intenção de denunciar um crime e, mais adiante, chama sua obra de “livro vingador”, Vargas Llosa é o homem que fala (escreve) para agir sobre seu tempo.

Exercem os dois um papel político conhecido desde a antiguidade grega, cultura eminentemente voltada para a educação do homem da *polis* — a *paideia*<sup>9</sup> —, quando homens usavam a palavra para orientar os outros homens: eram os mestres, encarnados, sobretudo, por poetas, oradores, políticos e filósofos. Essa função, que sofreu transformações radicais ao longo do tempo, foi preenchida na modernidade pelo intelectual, definido, a seguir, pela voz provocadora de Bernard-Henri Lévy:

<sup>8</sup> BOSI, Alfredo. Canudos não se rendeu. In: \_\_\_\_\_ *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 220.

<sup>9</sup> Ver JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

O intelectual, como todos sabem, é um animal moderno. Sempre houve escritores. Mas não houve sempre — é toda a diferença — artistas e escritores saindo de sua disciplina para, sem a sombra de um mandato, e fortalecidos por uma autoridade adquirida em outra parte, achar, ao mesmo tempo natural e útil, misturar sua voz aos grandes debates da cidade.<sup>10</sup>

Na América Latina, uma das mais instigantes reflexões sobre as origens e a formação do intelectual do continente é a de Ángel Rama, em seu livro *La ciudad letrada*. Do *descobrimento* ao fim da *belle époque*, o crítico uruguaio acompanha o intelectual em sua interação com a cidade. À cidade idealizada pela metrópole e realizada pelo conquistador-colonizador, corresponde a valorização da palavra escrita — as ordens do rei, as atas, os editos, as escrituras, as leis, enquanto ao campo corresponde a palavra oral. Mantenedora da ordem, a cidade representava a civilização, em meio ao vasto território da barbárie. A essência urbana do intelectual tem suas raízes em sua função de mediação entre o poder, da metrópole e de seus representantes coloniais, e o público. A partir do romantismo e das lutas pela emancipação, as ligações do intelectual com a metrópole européia esgarçaram-se, sobretudo, quando a literatura assume o discurso sobre a formação e a definição da nação.

No caso de Euclides, já herdeiro da geração de 70 e do naturalismo-realismo brasileiro, a relação cidade x campo transmuda-se em litoral x sertão significando civilização x barbárie. Assim, Euclides, como intelectual da civilização litorânea do final do século XIX, permeável aos influxos estrangeiros que vêm regularmente pelo mar, propõe claramente, em sua obra maior, estes dois pares de oposição como responsáveis pelo atraso e esquecimento a que estava relegada a população interiorana, fincando-os na base do grande conflito bélico da guerra de Canudos.

Hoje, quando pereceram muitas teorias científicas que serviram de base ao modelo teórico de *Os sertões*, outras questões de nossa nacionalidade, sugeridas pelo texto de Euclides, permanecem, como a difícil relação entre herança estrangeira e conceito de nacionalidade. A explicação de Vargas Llosa para a relação de atração/repulsa do intelectual latino-americano no que se refere ao europeu está na concepção da cultura do continente como uma cultura hermafrodita, o que pressupõe a acumulação da tradição européia *traduzida* e da experiência americana, entrecruzando-se com o conceito de *mirada estrábica*, de Ricardo Piglia: — “Hay que tener un ojo puesto en la inteligencia europea y el otro puesto en las entrañas de la

---

<sup>10</sup> LÉVY, Bernard-Henri. *Elogio dos intelectuais*. Trad. Celina Luz. Rio de Janeiro: Rocco, 1968, p.26.



patria”<sup>11</sup> —, que interpreta a cultura argentina, conservando a mesma duplicidade antagônica do conceito vargasllosiano.

Essa união de contrários a indicar uma conformação anômala, lembra também a imagem do habitante do desconhecido novo mundo, como ser monstruoso. No imaginário europeu do século XV e XVI — como o comprovam os relatos fantásticos de imaginativos viajantes, até mesmo anteriores à *descoberta*, e os próprios documentos da chegada do europeu às terras que se chamariam América, como os diários e as cartas de Colombo —, as novas terras estavam povoadas por gente com rabo, seres sem cabelos, homens com um olho só ou com focinho de cachorro, além dos” selvagens bestiais”<sup>12</sup>.

A partir dessa imagem recorrente de seres excêntricos, Shakespeare criou, em sua peça *A tempestade*, representada pela primeira vez em 1611, o personagem Caliban — “ser monstruoso, horrível, torrão de barro”<sup>13</sup> —, hoje um dos símbolos de nossa latino-americanidade. Caliban é anagrama de canibal que, por sua vez, é corruptela de caraíba, tribo que deu nome à região do Caribe. À época da publicação do drama de Shakespeare, seu personagem Caliban não foi identificado com o ser do novo mundo, mas como o degrau mais baixo na esfera humana. A leitura de Caliban como metáfora do ser latino-americano, posta em prática no início do século XX, fundamenta-se em dados e sugestões da própria peça de Shakespeare. Sabe-se, por exemplo, que o conhecido ensaio de Montaigne sobre os canibais, nele apresentados sob ótica filosoficamente favorável, foi uma das fontes de leitura de Shakespeare para a criação de Caliban. O modelo Próspero-Caliban presta-se, ainda, à metáfora das relações entre o europeu e o americano pela situação análoga de conquistador e conquistado e pela transmissão do verbo do vencedor ao vencido, apresentadas no texto shakespeareano<sup>14</sup>.

Por outro lado, ao aceitarmos o olhar europeu sobre nós, reconhecendo como legitimamente nosso o nome com que o dramaturgo inglês batizou seu personagem monstruoso, nesse ato mesmo, confirmamos nossa vocação de Caliban-canibal. A dilatada discussão sobre a propriedade e os limites da metáfora de Próspero-Caliban para as relações entre o velho e o novo continente deu-se na época, em que também se discutiam as relações entre civilização e barbárie, colocadas em voga na América Latina, a partir do *Facundo* de

<sup>11</sup> PIGLIA, . Memoria y tradición, Anais do 2º Congresso Brasileiro ABRALIC – Literatura e Memória. Belo Horizonte: ABRALIC, 1991, p.61.

<sup>12</sup> CARRILLO. Del inicio de la iniquidad en la literatura hispanoamericana: las cartas de Cristóbal Colón y Hernando Pizarro. *Revista de crítica literaria latinoamericana*, Lima, n.3, 1er semestre, p.19-20.

<sup>13</sup> SHAKESPEARE, William. A tempestade. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, v.II, p.923.  
<sup>14</sup> Ver FERNÁNDEZ RETAMAR. *Caliban e outros ensaios*. Trad. Maria Helena Matte Hiriart e Emir Sater. São Paulo: Busca Vida, 1988 e ZEMSKOV, Valeri. Sobre las relaciones histórico-culturales de América Latina y el Occidente. El conflicto de Caliban y Próspero. *Latinoamérica*; anuario de estudios latinoamericanos-Universidad Autónoma de México, México, n.13, p. 115-178, 1980.